

O SONHO DE GENÉSIO

Filho de mãe solteira da periferia de cidade distante do litoral, Genésio nunca gostou de seu próprio nome. “Vai ver que minha mãe, ao registrar meu nascimento, lembrou-se do nome de algum antigo namorado”, era o que o adolescente Genésio frequentemente pensava. Achava esse prenome feio, mal soante, além de pouco comum e até chegou a consultar advogado seu amigo se poderia mudá-lo. Ainda bem que na escola, quando ainda criança, os amigos chamavam-no apenas por “Ge”, que não é tão mal assim. Só se conformou com o nome ao tomar conhecimento, por um antigo professor, de que etimologicamente ele significa aquele que foi “gerado”, ou seja, de alguma forma “criado”. Menos mal, pensou, e acabou esquecendo-se da antiga ojeriza.

Genésio, apesar da origem humilde de menino pobre que jogava bola de meia nas ruas poeirentas do bairro, ao ser incentivado por professora que via nele qualidades excepcionais e até presenteou-o com um livro do notável Monteiro Lobato, acabou enveredando pelo mundo fascinante das leituras, estudou a duras penas em escolas públicas, mesmo porque não tinha renda suficiente para pagar colégios particulares. E o que a mãe ganhava mensalmente como faxineira em residências particulares, juntamente com seus próprios ganhos como aprendiz de escritório, eram bastante escassos e consumidos totalmente com a própria sobrevivência. Mas apesar de todas essas dificuldades, bacharelou-se a duras penas em ciências jurídicas e sociais. A mãe até chorou na festa de formatura ao ver o filho galgar uma posição de destaque na sociedade local.

Mas Genésio tinha um prosaico sonho que o perseguia desde a adolescência. Morando tão distante do litoral, queria conhecer o mar, banhar-se em suas águas, sentir na boca o

gosto salgado da água. Quando lhe fosse possível adquirir um carro, pensava muitas vezes, planejaria uma viagem a Ilhabela, cujas exuberantes florestas, cachoeiras escorrendo das montanhas e praias paradisíacas vira em revista semanal, despertando nele o ardente desejo de conhecê-la. “Em nossa viagem de lua de mel, vamos conhecer Ilhabela”, disse à namorada, com quem mantinha uma relação estável de vários anos.

Aconteceu então que a principal empresa de turismo da cidade organizou uma excursão a Ilhabela, a que Genésio aderiu, juntamente com a companheira. Nem o cansaço da viagem de um dia e uma noite em ônibus-leito, impediu que o casal se encantasse com a travessia de balsa do continente para a ilha. Já no confortável hotel reservado para os excursionistas, Genésio pensou de novo: “Finalmente vou sentir na boca o gostinho salgado da água do mar”.

Segundo o planejamento feito pela empresa de turismo, na primeira manhã iriam visitar uma cachoeira de águas cristalinas que desciam pela montanha, formando um poço profundo somente acessível a quem soubesse nadar, e só à tarde iriam conhecer a famosa Praia do Curral na paradisíaca Ilhabela.

Encantado com a beleza do local, Genésio quis experimentar a frescura da água naquele dia calorento, enquanto Ritinha, que não apreciava banhos de água fria, permaneceu entretida com o celular, seu inseparável brinquedo.

Aconteceu, então, evento trágico e inesperado. Genésio escorregou e caiu no tal poço profundo e traiçoeiro, afogando-se em água doce, embora se esforçasse para sair. De nada adiantaram as manobras feitas para ressuscitá-lo, nem mesmo a respiração boca a boca com que Ritinha, aos prantos, intentou restituí-lo à vida.

Ironia do destino! Genésio chegou a ver o mar, mas não conseguiu realizar seu acalentado sonho de sentir na boca o gosto salgado de suas águas!

Viganó
darly.vigano@gmail.com